



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1115

## **O ACASO PALESTINO: QUANDO UM ACIDENTE DE CARRO MODIFICOU AS RELAÇÕES ENTRE PALESTINA E ISRAEL (1987-1992)**

José Rodolfo Vieira  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

**Resumo.** Em 08 de janeiro de 1987 um acidente de carro entre um comerciante israelense e quatro palestinos resultou na morte de todos os envolvidos. O que não se esperava era que deste acidente eclodiria a Primeira Intifada Palestina, ou “levantar das pedras”. Portanto, o objetivo desta pesquisa é analisar por meio de documentos emitidos pela ONU em janeiro de 1988 e o periódico Shalom para contrapor a afirmação do jornalista estadunidense Joe Sacco, em seu quadrinho ‘Palestina’, sobre os fatos que iniciaram a Intifada de 1987. Para tanto, dialogaremos com o trabalho de Will Eisner (2010) no intuito de compreendermos a linguagem das histórias em quadrinhos e as representações (CHARTIER, 2002) empreendidas pelo autor. Sendo um acontecimento isolado e inesperado do litígio entre palestinos e israelenses, abordaremos por meio de Kosseleck (2006) o acontecimento histórico como fato do acaso. Portanto, analisar um acidente de carro no conflito israelo-palestino, percebemos que tal acontecimento, dentro de uma perspectiva política de eventos, levou os palestinos às ruas contra a opressão exercida pelo Estado de Israel desde 1948.

**Palavras-chave:** Quadrinhos; Intifada; Israel; Palestina.

CAPES

### ***Apresentação***

Em 8 de dezembro de 1987, em uma rodovia localizada entre as fronteiras de Israel e os territórios ocupados na Palestina, dois carros, um israelense e outro palestino se colidem. Desta colisão, os quatro ocupantes árabes do carro palestino vão a óbito. Até então, tudo se configura como um simples acidente de carro, como ocorre em várias rodovias em todos os países no mundo. No entanto, após o acontecimento, a população da Cisjordânia e da Faixa de Gaza revoltam-se contra as Forças de Defesa de Israel (FDI), dando início à Primeira Intifada Palestina.

Nosso objetivo nesta pesquisa será analisar as modificações nas relações entre Israel e Palestina após este acidente de carro, o que compreenderemos aqui

como sendo um acaso (KOSSELECK, 2006). Para tanto, a compreensão do fato de que as relações entre ambas as partes sofreram alterações se dará por meio de um artigo, emitido pela revista *Shalom* (1988) da comunidade judaica brasileira, denominada “2 – Versão oficial: ‘Agimos legalmente’”, publicada em janeiro de 1988, ou seja, pouco mais de um mês após o acidente. Também observaremos o Volume XI, Boletim n.1 da *Division for Palestinian Rights* emitido também em janeiro de 1988 pela Organização das Nações Unidas. E por fim, o trabalho em formato de quadrinho jornalístico do estadunidense Joe Sacco sobre sua viagem para à Palestina no inverno de 1991 e 1992.

### **Acaso**

Um acidente de carro, em muitas situações, pode tomar uma foto e algumas linhas de um jornal. Quando um acidente de carro ocorre em uma ‘zona de guerra’, no qual pessoas são presas e torturadas, onde mísseis caseiros atravessam uma fronteira, e como reação, recebem de volta mísseis mais sofisticados, um acidente de carro poderia simplesmente passar despercebido neste contexto. Porém, a colisão entre um automóvel palestino e outro israelense no início de dezembro de 1987 parece ter dado um novo significado para um acidente de carro.

Após o acidente, segundo o artigo na revista *Shalom* (1988, p.8 “Isto foi interpretado de forma equivocada pela população de Gaza como um ato de vingança pela morte de Sakal, desencadeando assim uma série de demonstrações violentas. Inicialmente em Gaza, e depois na Margem Ocidental”. Conforme tais palavras, os recentes acontecimentos violentos ocorridos na Cisjordânia e em Gaza após o acidente, são motivados por um mal entendimento da população de Gaza e Cisjordânia ao creditarem o acidente como vingança pela morte do comerciante israelense Sholmo Sakal em Gaza pela Força-17 (espécie de polícia especial que tem como finalidade proteger o líder palestino Yasser Arafat) dois dias antes do acidente de carro.

Independentemente de um mal-entendido ou não, o que podemos observar é uma modificação no comportamento da população palestina. É importante frisar que grupos de resistência sempre existiram por parte dos palestinos, tais como o Fatah e mais recentemente o Hamas – os dois grupos mais importantes de resistência

palestina – porém, a partir de dezembro de 1987 é iniciado o que ficou conhecido como Intifada popular da Palestina.

A origem da palavra Intifada vem de *fadda*<sup>1</sup>, libertar-se, rebelar-se. No entanto, se buscarmos o significado de Intifada na internet nos deparamos com “rebelião popular palestina contra as forças de ocupação de Israel na faixa de Gaza e na Cisjordânia”. É interessante notar que a palavra está diretamente ligada a um levante popular, assim sendo, está além da esfera política dos órgãos ligados à resistência palestina. Não obstante, apesar do movimento ter seu caráter popular, possivelmente grupos de resistência palestina também podem ter contribuído com o movimento não de forma direta, vide por exemplo que Sacco (2011, p.190) ao conversar com alguns garotos que participaram do primeiro dia da Intifada, os denomina como militantes, sendo que um tem ligações com Fatah, e o outro com a Frente Popular. Outro fato interessante é a ressignificação da palavra, pois, antes relacionada à rebelião, agora está relacionada ao levante popular palestino.

Portanto, no papel de historiadores, como podemos entender e analisar um acidente de carro como desdobramento no processo histórico do conflito entre palestinos e israelenses e a sua relação com a Intifada? Segundo Le Goff (2003, p.47) “não há história imóvel e que a história também não é a pura mudança, mas o estudo das mudanças significativas”. Ao observarmos o conflito entre Israel e Palestina, que se entende desde 1948 com a implantação do Estado de Israel até o acontecimento em dezembro de 1987, a população palestina teve um comportamento aparentemente passivo diante da ocupação. Claro que não podemos generalizar a situação e acreditar que os palestinos aceitavam sem nenhuma resistência à ocupação, mas, analisamos aqui um evento conhecido pela manifestação popular, ou seja, estudar e observar mudanças significativas neste processo histórico.

Para tanto, a noção de acaso desenvolvida pelo historiador alemão Reinhart Kosseleck (2006) colabora ao compreendermos o acidente de carro como mudança significativa a ser estudada. Para o historiador “O acaso se torna causa justamente por conta de sua discrição e de sua superficialidade” (KOSSELECK, 2006, p.49).

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=intifada+significado>

Como já discutimos há pouco, um acidente de carro é algo natural em nosso cotidiano, mesmo agora, ao pesquisarmos um acidente de carro, ditado em algumas linhas de uma revista, podemos observar que no contexto histórico, tal evento passa despercebido no grande processo histórico que envolve o conflito. Só para termos uma noção de sua superficialidade, observemos a descrição sobre o início da Intifada por Mustafá Yasbek (1995, p.51) em seu livro “Palestinos em busca da pátria”:

A partir de 1987 um levante popular – a *Intifada* – ou ‘revolta das pedras’ atormentaria a vida dos soldados israelenses nos territórios ocupados e se transformaria em importante passo político na luta palestina. De início adolescentes, e depois civis de todas as idades, armados apenas com paus e pedras, passaram a atacar os soldados das tropas de ocupação, a qualquer hora, sob qualquer pretexto.

Conforme as palavras de Yazbek (1995) podemos observar que, ao descrever o início da Intifada, o autor cita somente as personagens que participaram dela – adolescentes de início, e civis de todas as idades posteriormente – porém, não liga uma causa para a consequência do levante popular. Certamente, não podemos afirmar cegamente que somente o acidente de carro impulsionou a população se rebelar contra os israelenses, mas, buscamos aqui observar o acidente como o estopim para a totalização de acontecimentos passados. Para compreendermos melhor esta noção de acaso e enquadrarmos o acidente de carro como tal, observemos mais uma vez as palavras de Kosseleck (2006, p.147):

Do ponto de vista temporal, o acaso é uma categoria que pertence exclusivamente ao presente, puramente contemporânea. Ele não é dedutível a partir do horizonte de esperança que se volta para o futuro – a não ser como fissura repentina desse mesmo horizonte – e tampouco pode ser percebido como resultado de causas passadas; se assim fosse, deixaria de ser acaso. Portanto, enquanto a historiografia tiver como objetivo esclarecer as circunstâncias de acontecimentos em sua dimensão temporal, o acaso permanece como uma categoria a-histórica.

Portanto, o acidente de carro seria uma curta duração dentro do contexto histórico que se estende entre palestinos e israelenses. Se observarmos os dizeres de Fernand Braudel (1990) ao que tange a curta duração: “na curta duração, o acontecimento é explosivo, ruidoso. Faz tanto fumo que enche a cabeça dos contemporâneos; mas dura um momento apenas, apenas se vê a sua chama” (BRAUDEL, 1990 p.10). Ao pensarmos o acontecimento conforme a curta duração de Braudel, o acidente pode ter incentivado os cidadãos palestinos, dentro de sua contemporaneidade ao acontecimento, a se movimentarem diante as forças

israelenses, mas, por outro lado, hoje, tal acontecimento (o acidente de carro) vê sua chama extinguida. Para Le Goff (2003, p.45) “O acaso tem naturalmente um lugar no processo da história e não perturba as regularidades, pois que o acaso é um elemento constitutivo do processo histórico e de sua intangibilidade”. Ou seja, tal acontecimento, que aqui consideramos como acaso, não perturbou a regularidade do processo histórico ao qual judeus e árabes estão envolvidos, vide que, por exemplo, o conflito não chegou ao seu fim, porém, torna-se uma situação constitutiva do conflito.

No entanto, para termos mais clareza da relação do acidente com a Intifada, somos levados a observar as continuidades que tal evento desencadeou. O historiador brasileiro Ruy Alves Jorge (1975) em seu livro “A justiça está com os árabes”, já havia escrito sobre a espera de uma reação por parte dos palestinos. Segundo suas palavras, “Os israelenses não são ingênuos a ponto de pensar que a reação por parte dos árabes não iria se tornar cada vez mais drástica. E exploram este fato através de uma propaganda que hoje, quase que o mundo inteiro, engole sem mastigar” (JORGE 1975, p.100). Neste trecho, Jorge (1975), não estava prevendo a Intifada, mas sim que grupos politizados poderiam se rebelar contra a opressão concedida por Israel. Porém, é interessante tomar nota da não ingenuidade por parte de Israel, ou seja, que estavam preparados para qualquer eventual mudança de comportamento por parte dos palestinos.

### ***Quando boas pedras acontecem para maus soldados***

Para darmos continuidade em nossa discussão, é interessante invocarmos neste ponto o trabalho realizado pelo jornalista maltês, radicado nos Estados Unidos, Joe Sacco. Sacco nasceu na ilha de Malta, mas, muito jovem foi com sua família para os Estados Unidos. Lá, terminou seu curso de graduação em jornalismo no ano de 1981, mesmo ano em que iniciou seu interesse pelo conflito na Palestina. Segundo José Arbex Junior (2011), jornalista brasileiro que também cobriu o conflito em 2004, escreveu na introdução de “Palestina” de Sacco as seguintes palavras:

Para a nossa sorte, Joe Sacco é leitor de Noam Chomsky. Ele mesmo começou a se interessar pela ‘questão palestina’ a partir de 1981, quando Israel bombardeou o Líbano. Seu interesse tornou-se indignação em 1982, quando as tropas israelenses, comandadas pelo facistoide Ariel Sharon, deram suporte militar e logístico ao massacre de cerca de 5 mil palestinos

(a imensa maioria composta por crianças, mulheres e velhos) nos campos de refugiados libaneses de Sabra e Chatila. Sacco suspeito de que havia algo de muito errado nas descrições da mídia que faziam de Israel um Estado 'vítima' dos 'sanguinários' vizinhos árabes. Começou a investigar o assunto por conta própria. Acabou viajando para a Palestina em 1996, lá vivendo durante dois meses. O resultado foi o livro que agora temos em nossas mãos. (ARBEX JR, 2011 p.xiii)

Algo importante a ressaltar nas palavras de Arbex Jr. (2011) é o fato de que Sacco não viajou a Palestina em 1996, mas sim em 1991 e 1992. O livro que Arbex Jr. (2011) diz ser o resultado deste trabalho é o próprio "Palestina". Neste livro, o jornalista estadunidense entrevista vários palestinos que vivenciaram como testemunha ocular da Intifada de 1987. No entanto, "Palestina" não é somente um livro com linguagem escrita. "Palestina" é uma história em quadrinhos, ou como o próprio Sacco denominou de "jornalismo em quadrinhos" (SACCO, 2011 p.xvii). Sendo assim, é importante nos atentarmos para este estilo de linguagem. Segundo Will Eisner (2010), um dos maiores quadrinistas estadunidenses, as histórias em quadrinhos:

comunicam uma "linguagem" que se vale da experiência visual comum ao criador e ao público. É de se esperar dos leitores modernos uma compreensão fácil da mistura imagem-leitura e da tradicional decodificação de texto. A história em quadrinhos pode ser chamada "leitura" num sentido mais amplo que o comumente aplicado ao termo. (EISNER, 2010 p.1)

Sendo assim, nossa análise metodológica tem como fio condutor compreender não somente o discurso da linguagem escrita, mas o discurso emitido por meio de imagens. Assim, entramos na discussão da utilização de imagens pelo historiador, pois, em "Testemunha Ocular" (2004), livro do historiador Peter Burke, os historiadores tendem a tratar as imagens como meras ilustrações, pois, somente a reproduzem em seus livros sem comentá-las (BURKE 2004, p.11). Portanto, nosso objetivo ao analisar uma fonte imagética é compreender a colaboração que as imagens fornecem para o ofício do historiador.

Prosseguindo em nossa discussão sobre o acaso em um acidente de carro, verificamos a importância de observarmos os desdobramentos que tal acontecimento ocasionou no processo histórico entre palestinos e israelenses. Desdobramentos que, para compreendê-los, utilizaremos o livro de Sacco. Portanto, selecionamos duas situações dentre várias para observarmos as consequências inerentes à Intifada.

A primeira situação que analisaremos refere-se as prisões repentinas aos primeiros dias da Intifada, e, conforme Sacco (2011, p.82) ao afirmar que Ansar III foi construída em março de 1988 para atender a demanda da Intifada. Também conhecida como *Ktziot* para os israelenses, Ansar III fica localizada no meio do deserto em Negev.

Primeiramente, sobre as prisões, o boletim da ONU, capítulo II, intitulado “Ações a serem tomadas pelo Comitê em exercício dos Direitos Inalienáveis do Povo Palestino”, emitido em janeiro de 1988, e endereçada para o Secretário Geral da Organização das Nações Unidas, solicita urgente atenção sobre a agravação e a situação nos territórios ocupados, causado pelas decisões de Israel em expulsar os líderes palestinos e a violência excessiva das tropas israelenses contra a população palestina nos territórios ocupados da Cisjordânia e de Gaza (ONU, 1988 p.4).

Ainda no boletim, o presidente do Comitê dos Direitos Inalienáveis do Povo Palestino ressalta que “As forças armadas identificaram nove palestinos (...)” (ONU, 1988 p.4), a lista sobre os nove palestinos, identificados como possíveis líderes da revolta é bem detalhada. Apesar de conter apenas um parágrafo, os nove palestinos são identificados pelo nome, idade e ocupação profissional. Na lista, podemos observar que entre eles, havia um engenheiro, três refugiados em campos de concentração, um advogado, um estudante, um professor, um líder espiritual e um jornalista.

O boletim emitido pela ONU termina o assunto sobre os nove detentos neste ponto, e nada mais comenta sobre isso. Por outro lado, o artigo emitido pela Revista *Shalom*, também de janeiro de 1988, discorre sobre nove prisões, que possivelmente pode estar relacionado a estas. Segundo o artigo na revista:

No dia 3 de janeiro, o porta-voz das Forças de Defesa de Israel, anunciou que cinco habitantes da Judéia-Samaria (Cisjordânia) e quatro de Gaza, receberam ordens de expulsão. O porta-voz também observou que os nove são líderes de ativistas que estiveram envolvidos em atividades subversivas e de incitamento em nome de organizações terroristas. Todos eram responsáveis pela organização e instigação dos recentes e violentos distúrbios nos territórios. Cada um deles é um filiado a alguma organização extremista: um à Frente Popular de Libertação da Palestina de George Habash, três à (sic) organizações islâmicas fundamentalistas extremistas e o restante à Fatah. (SHALOM,1988 p.9)

Ao contrário do boletim emitido pela ONU, o artigo da revista *Shalom* coloca os nove detentos como participantes ativos de organizações radicais palestinas. Tais

prisões, conforme Sacco (2011, p.82), são de caráter administrativo, que, o próprio jornalista afirma, são prisões preventivas de seis meses que podem ser estendidas por mais seis. Outra questão levantada por Sacco é o fato da detenção ser realizada sem julgamento.

Portanto, o fato do presidente do Comitê dos Direitos Inalienáveis do Povo Palestino ter solicitado com urgência a interferência do Conselho Geral no que se refere as prisões e deportações, parece-nos que o aumento no número de prisões estava progredindo de forma exacerbada. Tanto que, a necessidade da construção de Ansar III parece ser uma opção para a demanda da Intifada após os eventos de dezembro de 1987.

O crescimento no número de prisões administrativas e a relação da construção do presídio de Ansar III pode ser observado em seu caráter que parecia ser tanto provisório como improvisado. Vejamos aqui um recorte do trabalho de Sacco.

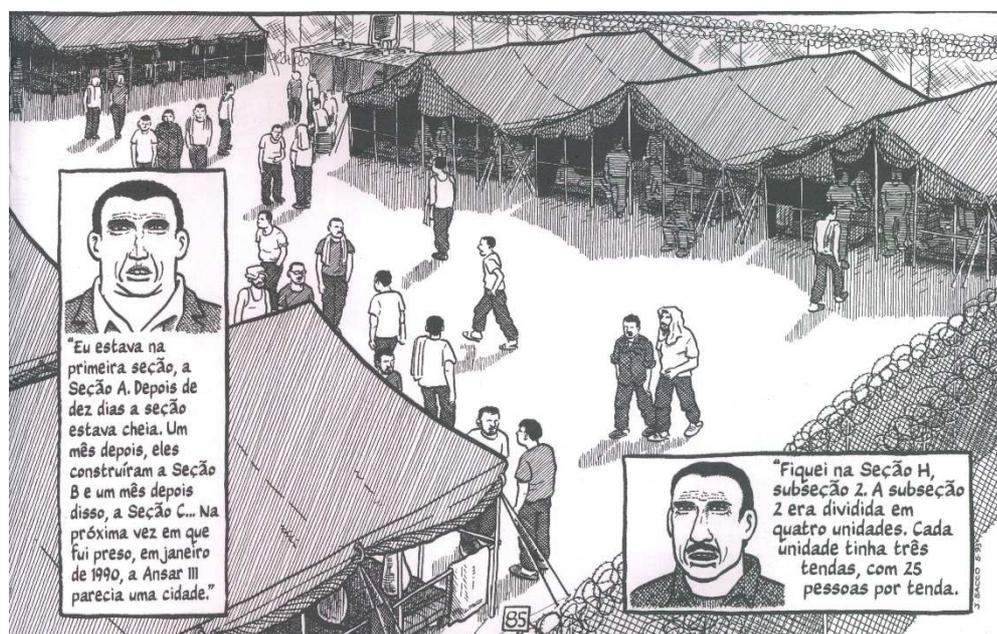


Figura 1: SACCO, 2011 p.85

Conforme a imagem, temos o que parece ser um pátio da prisão, no qual, vários detentos estão à circular tranquilamente em pequenos grupos de três e duas pessoas, e poucos individualmente. Em torno deles, há cinco barracas cobertas com o que parece ser uma lona e cercada por duas cercas paralelas de arame. Portanto,

o que podemos concluir desta imagem? O que tal desenho pode nos apresentar em relação à construção de Ansar III e o acontecimento de 1987?

Para tanto, buscaremos algumas respostas nas palavras de Burke (2004, p.99) “Imagens são especialmente valiosas na reconstrução da cultura cotidiana de pessoas comuns, suas formas de habitação, por exemplo, algumas vezes construídas com materiais que não eram destinados a durar”. Ao dizer tais palavras, Burke (2004) se refere a possibilidade do historiador em compreender por meio da representação de um artista sobre cultura material representada em uma imagem. O que podemos observar sobre a materialidade de Ansar III são as simples acomodações que foram montadas para receber os prisioneiros. Não se parecem em nada com carceragens que estamos habituados a ver em noticiários ou filmes. Pelo contrário, tais acomodações estão mais parecidas com acampamentos militares do que celas de presídios.

Como já discutimos anteriormente, e, tentando agora compreender uma relação entre a construção de Ansar III e o acaso de dezembro de 1987, podemos observar que, sendo um presídio para comportar líderes ou integrantes de forças rebeldes palestinas, as acomodações fornecidas em Ansar III parecem ser provisórias e improvisadas. Tanto nos relatos de Sacco como o boletim da ONU dão a entender que o corpo carcerário de Ansar III é composta por pessoas simples, ao contrário do que a revista *Shalom* representa. No entanto, como um presídio, munido de algumas torres de observação e duas cercas paralelas de arame podem conter detentos tão importantes para a causa palestina?

Outro ponto em nossa discussão não se baseia em uma instituição ou um conceito, mas, em uma ação. Como levantado por Yazbek (1995, p.51), a Intifada também ficou conhecida como “revolta das pedras”. As circunstâncias que levaram a denominar a Intifada também em “revolta das pedras” é o simples fato da população palestina ter se manifestado armada somente com pedras.

Antes de iniciarmos nossa discussão na perspectiva dos documentos escritos ao que permeia a denominação de “revolta das pedras” à Intifada, parece interessante também observarmos a representação imagética apresentada por Sacco em seu trabalho.

Por meio do pressuposto de Burke (2004, p.17) “(...) imagens nos permitem ‘imaginar’ o passado de forma mais vivida”. O ato de observarmos a figura 2, nos permite experimentar por meio da imaginação de Sacco (2011) o relato de como ocorreu os primeiros momentos da Intifada nos relatos de uma testemunha ocular do acontecimento.

Outra contribuição das imagens é possibilitar uma comunicação rápida e clara dos detalhes de um processo complexo, como o conflito entre soldados israelenses e jovens palestinos, ao contrário da forma escrita, que dispensaria mais tempo para descrever de forma mais clara (BURKE, 2004 p.101). Tais elementos podem ser observados na riqueza de detalhes empreendidos por Sacco (2011) ao desenhar as feições de pânico na face do soldado israelense no canto direito inferior da imagem.



Figura 2: SACCO, 2011 p.193

Outro artifício das histórias em quadrinhos utilizada por Sacco nos permite imaginar o passado de forma mais vivida, este artifício foi a perspectiva do enquadramento. Vejamos o que Will Eisner (2010 p.92) nos diz sobre a perspectiva nas histórias em quadrinhos:

Outra manipulação da perspectiva é a manipulação ou a produção de estados emocionais variados no leitor. Parto da teoria de que a reação da pessoa que vê uma determinada cena é influenciada pela sua posição de espectador. Ao olhar uma cena de cima, o espectador tem uma sensação

de distanciamento – ele é um observador em vez de um participante na ação.

Neste caso, Sacco (2011) não nos transporta para uma posição de distanciamento, mas sim de aproximação, tanto que, ao observarmos a imagem, verificamos estar na mesma posição que os soldados israelenses, como se fossemos outro agente histórico da Intifada. Ao colocar o observador como participante da ação, em especial na figura 2, Sacco poderia evocar a força e o poder no qual a Intifada despertou nos soldados israelenses.

Algo importante a se notar diante dos documentos que possuímos em mãos, é o fato do termo Intifada não ter sido citado em nenhum momento. Fora o trabalho de Sacco (2011), tanto a revista *Shalom* quanto o boletim das Nações Unidas fazem menção ao ato dos atiradores de pedras, no entanto, seus relatos se resumem somente a descrição do fato de se jogar as pedras. Observemos os dizeres da revista *Shalom*:

Elementos extremistas locais que se identificam com a OLP têm estado por trás da violência, incitando os habitantes locais a fazerem demonstrações. Homens mascarados intimidaram lojistas e fecharam as suas lojas e pressionaram estudantes a abandonarem as suas aulas e saírem às ruas para atos violentos como atirar pedras e objetos afiados, queimar pneus para interromper o tráfego e atirar bombas molotov (SHALOM, 1988 p.8)

Por outro lado, o boletim das Nações Unidas cita somente em um momento tal situação no qual a morte de uma jovem palestina de 25 anos sucedeu após o exército israelense abrir fogo contra os “*stone-throwing Palestinian boys*” (ONU, 1988 p.4).

Assim sendo, como havíamos citado, somente nos relatos de Sacco (2011) – dentre os documentos que selecionamos para esta pesquisa – cita a palavra Intifada. Certamente, não podemos nos esquecer que ao contrário da revista *Shalom* e do boletim da ONU, ambas publicadas em janeiro de 1988, poucas semanas após o início do movimento. Não obstante, a viagem de Sacco (2011) ocorreu entre dezembro de 1991 e janeiro de 1992. Além do mais, conforme assinatura do próprio autor na página que descreve o início da Intifada, está datada em junho de 1994 (SACCO, 2011 p.191), ou seja, mais de sete anos após o início da Intifada.

Ao analisar a entrevista de Sacco (2011 p.190) com os jovens Mohammed e Husein – importante destacar que Sacco se limita em muitas passagens descrever

somente o primeiro nome do entrevistado, ou, em outros casos, deixa a personagem no anonimato –, ambos relatam estarem presentes no primeiro dia da Intifada. O primeiro ponto para analisarmos deste recorte do trabalho de Sacco (2011) são algumas informações afirmadas pelo próprio jornalista:

E foi aqui que a revolta começou – no campo de refugiados de Jabalaia ... foi uma explosão popular espontânea e pegou todo mundo de surpresa – inclusive a OLP ... até então, toda resistência palestina tinha se organizado fora da Palestina histórica... mas, naquele dia de dezembro de 1987, palestinos que viviam sob à ocupação israelense por mais de 20 anos assumiram o controle da situação. (SACCO, 2011 p.191)

Após a leitura destas palavras de Sacco (2011), somos levados a nos questionar sobre alguns pontos. O primeiro ponto é sobre a explosão popular espontânea. Apesar do jornalista afirmar seu caráter espontâneo, ao ponto de surpreender até mesmo a Organização pela Libertação da Palestina, apresenta características totalmente populares da Intifada. No entanto, ao apresentar Mohammed e Hussein aos seus leitores, o autor afirma que o primeiro tem ligação com à Fatah, enquanto o segundo tem seus laços com a Frente Popular (SACCO, 2011 p.190). Nosso intuito não é de forma alguma descaracterizar o poder da população palestina no acontecimento, mas, compreender que os agentes históricos presente nos primeiros dias da revolta tinham relações com alguma organização militante palestina, o que não caracteriza a participação direta de alguma organização palestina no evento.

Em contraposição, ao ler na íntegra o boletim das Nações Unidas, não encontramos em nenhum momento a ligação dos acontecimentos iniciais de dezembro de 1987 com alguma organização da Palestina. Dentre o universo de documentos para nossa pesquisa, somente a revista *Shalom* faz menção a participação direta de militantes ao dizer que “Elementos extremistas locais que se identificam com a OLP têm estado por trás da violência...” (ONU, 1988 p.8). Não obstante, não podemos nos esquecer que a revista *Shalom* é um periódico de veiculação da comunidade judaica brasileira, e certamente estaria a defender seu ponto de vista.

O outro ponto que merece destaque neste recorte do jornalista estadunidense está relacionado a modificação no comportamento e na situação da população palestina. Discutimos acima que o acaso não é uma dedução no presente na esperança que se modifique o futuro, mas, uma fissura dentro do horizonte do

presente (KOSSELECK, 2006 p.147). Portanto, quando Sacco (2011, p.190) discorre que após vinte anos de ocupação – ou seja, desde a apropriação de terras por parte de Israel após a Guerra dos Seis Dias em 1967 – a população palestina assumiu o controle da situação nos territórios ocupados, o que, na perspectiva do acaso, é mais um, dos vários desdobramentos desencadeados naquele acidente de carro no dia 08 de dezembro de 1987.

### **Considerações finais**

No decorrer deste artigo, nossa atenção esteve direcionada nos primeiros acontecimentos da Intifada Palestina. Para tanto, recorreremos a análise do livro de Joe Sacco, “Palestina”, como ponto de partida para compreender várias continuidades após os acontecimentos em dezembro de 1987.

Consideramos como acaso o acidente de carro em dezembro de 1987 pelo fato de não configurar como uma ação premeditada por nenhuma das partes, e que, como consequência, desencadeou uma série de outros fatos que caracterizam a Intifada. Certamente, não podemos afirmar somente com estes documentos a real motivação para o movimento, no entanto, tais documentos nos possibilitam observar por meio de outro ponto de vista o início do levante popular na Palestina em 1987.

Por outro lado, não podemos desconsiderar que vários elementos que configuram a Intifada não estavam já acontecendo desde longa data, tais como a violência exercida pelas Forças de Defesa de Israel, e a atividade de grupos militantes da Palestina. Porém, o que o universo de documentos que possuímos em mãos, nos direciona a observar a modificação nas ações populares, o que parecia até certo ponto não ser tão fortemente ativa.

Por conseguinte, a análise de tais acontecimentos, além de abrir discussão para o que já discutimos aqui, abre espaço para tantas outras discussões ainda em aberto sobre o tema. Sendo um evento de uma história ainda recente, ainda há várias possibilidades e campos a serem explorados por historiadores ao que tange a Intifada na Palestina de 1987.

### **Referências**

ARBEX, Jr. José: Prefácio. In: SACCO, Joe. **Palestina**. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2011.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Editora Presença LDA, 1990.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem** – Bauru, SP:EDUSC, 2004.

EISNER, Will; **Quadrinhos Arte Sequencial** princípios básicos e práticos do lendário cartunista. 4.ed. São Paulo, SP; Editora WMF Martins Fontes, 2010.

JORGE, Ruy Alves. **A justiça está com os Árabes: História do conflito árabe-israelense**. São Paulo, 1975.

KOSSELECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuições à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SACCO, Joe. **Palestina**. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2011.

SHALOM. 2 – **Versão oficial: 'Agimos legalmente'**. São Paulo, n.256, Ano XXIII, p.8-10, 1988.

ONU. **Volume XI, Boletim n.1 da Division for Palestinian Rigths**, 1988.

YAZBEK, Mustafa. **Palestinos em busca da pátria**. São Paulo, Editora Ática, 1995.